

# Falta um boteco na esquina

Rovênia Amorim  
Da equipe do Correio

**O**s primeiros 45 dias do governo petista de Luiz Inácio Lula da Silva viraram sinônimo de desespero e ansiedade para políticos e funcionários com cargos de confiança "importados" de outros lugares do país. Os novos moradores estranham tudo. A padronização dos prédios, os espaços amplos, a falta de gente na rua e de um boteco na esquina.

É tanto número e letra, são tão iguais os prédios que a carioca acha que é sorte, mágica ou milagre o taxista acertar o restaurante numa quadra comercial, sem nome na rua. "Mas como?", inquieta-se a moça, criada na Barra da Tijuca. O gaúcho que trabalha com o chimarrão na mesa do gabinete estranha que nos restaurantes de Brasília quase não se encontra feijão preto. "Que coisa! Gaúcho só come feijão preto", espanta-se.

E por aí vai. O trânsito, então, é quase um labirinto para o forasteiro. Se não prestar atenção na sinalização, o novo entra em uma contramão ao sair da W3 Sul ou erra feio o caminho, dando voltas desnecessárias nas tesourinhas que dão acesso aos eixinhos. Com tanta gente nova dirigindo pela cidade, o Batalhão de Trânsito já prevê pequenas confusões depois do carnaval. Haverá mais carros nas ruas, com o começo das aulas nas escolas públicas e a abertura dos trabalhos legislativos no Congresso Nacional. Ao mesmo tempo, mais políticos de fora, com suas famílias, estarão circulando pela cidade.

Um dos erros mais comuns dos motoristas que não estão familiarizados com o trânsito em Brasília é parar na curva dos balões. O motorista que vem atrás às vezes é pego desprevenido, o que aumenta o risco de acidentes. "Nas outras cidades, a preferência é sempre de quem está na reta. No Plano Piloto, é diferente", diz o tenente-coronel Luiz Henrique Fonseca, comandante do Batalhão de Trânsito.

"Estou no desespero total. Meu carro chega na próxima semana e eu não entendo o trânsito dessa cidade. É uma coisa de maluco", comenta a carioca Salete Lisboa, que assumiu a assessoria de Comunicação do Ministério da Assistência Social e Promoção Social, da ex-governadora do Rio de Janeiro Benedita da Silva.

Na manhã da última quarta-feira, motoristas da Presidência da República receberam uma aula com dicas do trânsito diferenciado de Brasília. A principal dúvida dos motoristas é saber quando têm preferência nas vias. "Parece inacreditável, mas é comum flagrar motorista novato tentando entrar pela contramão nas tesourinhas, provocando colisões frontais", diz a tenente Cláudia Santos, que atua na fiscalização de trânsito de rua.

O motorista de fora também não pára diante da faixa e não sabe que em Brasília só se buzina para sinalizar perigo e, ainda assim, com toques leves. O arquiteto Cláudio Queiroz, superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), um apaixonado inveterado pela Brasília do urbanista Lucio Costa, diz que a adaptação é uma questão de tempo. "É muito fácil explicar a cidade. Ela é um encadeamento só. Em três ou quatro dias, a pessoa já entende o sistema urbano e tem na cabeça a regularidade de Brasília", afirma o quase brasiliense, nascido em Fortaleza (CE) e criado em Petrópolis (RJ). "É sempre assim no começo. As pessoas dizem que nunca vão se adaptar, mas depois se encantam com Brasília e não querem mais ir embora."

Ele tinha 13 anos quando veio morar na nova capital. O ano era 1961. "Em Brasília eu podia soltar pipa sem o risco de enroscar a linha nos fios e andar de patins com muito mais liberdade, já que a cidade é sutilmente plana."

Adauto Cruz



FORASTEIROS NÃO TRAZEM APENAS RECLAMAÇÃO. O CASAL PERNAMBUCANO ANTÔNIO AYMAR E BERNADETE LOPES ACHA O RESPEITO DOS MOTORISTAS À FAIXA DE PEDESTRE SURPREENDENTE

## DESCOBRIENDO BRASÍLIA



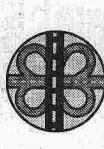
**A faixa** — O motorista novato na cidade se surpreende porque em Brasília há o hábito de respeitar a travessia do pedestre.



**A buzina** — Outra surpresa é o silêncio no trânsito. Quem buzina é mal-educado.



**Os endereços** — O sistema de endereçamento por número e letras, em ordem crescente, para facilitar a localização se transforma num quebra-cabeça para o novo morador.



**Os balões e as tesourinhas** — Os motoristas se confundem bastante no trânsito. Param no meio da curva do balão para dar a preferência para o carro que espera a vez. Outra trapalhada bastante comum ocorre nas tesourinhas. O erro comum é seguir para as comerciais quando se deveria pegar a próxima tesourinha e subir para os eixinhos.



**Os ônibus** — Diferentemente de outras cidades, em Brasília os ônibus não têm itinerário pelas quadras comerciais e residenciais. Não há trajeto tranversal pela cidade e o usuário precisa andar um pouco mais para chegar até ao trabalho ou em casa.



**A setorização** — Quem vem de fora sente falta dos botequins, da mistura de gente pela cidade e de pontos de referência. Em Brasília, os bares e restaurantes localizam-se em shoppings e nas entrequadras comerciais.



**O carro** — As amplas distâncias obrigam o novo morador abandonar o hábito de ir andando até um restaurante no intervalo do almoço. Ele descobre que ter um carro é essencial para se movimentar pela cidade.

Adauto Cruz



O GAÚCHO CLÁUDIO LANGONE ESTRANHA: "AQUI TUDO É LONGE E NÃO TEM FEIJÃO PRETO NOS RESTAURANTES"